

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Hans Richter — José Vianna da Motta — Concertos — Mauricio Bensaude — Noticiario — Bibliographia.

HANS RICHTER

Um dos mais celebres chefes d'orchestra da actualidade, apóstolo e interprete das obras de Wagner, com quem tratou pessoalmente e cujas instrucções recebeu.

Hans Richter nasceu em Raab (Hungria) a 4 de abril de 1843. Seu pae era mestre de capella e foi o seu primeiro mestre de musica. Estudou trompa e theoria musical no conservatorio de Vienna, entrando em seguida para a orchestra do Theatro Imperial, como trompista.

Anos depois partiu para Lucerna, onde Ricardo Wagner então vivia, e foi encarregado pelo grande compositor de copiar a limpo a partitura dos «Mestres cantores». O desempenho d'este encargo e a convivencia com Wagner tornou-o partidario entusiasta das doutrinas wagnerianas, e pela sua parte, o mestre, reconhecendo lhe o merito, recommendou-o para que elle obtivesse, em 1868, o logar de chefe dos côros no Theatro Real de Munich.

Em 1870 foi encarregado de ensaiar e dirigir o «Lohengrin», em Bruxellas, encargo que desempenhou brilhantemente, datando d'ahi a sua reputação. Voltando a collo-

car-se ás ordens de Wagner, occupou-se em tirar a limpo a partitura do «Annel dos Niebelungen».

De 1871 a 1875 foi chefe d'orchestra no theatro nacional de Pesth, d'onde passou a exercer identico logar na Opera de Vienna. Em 1878 recebeu a nomeação de segundo mestre da capella imperial.

Foi a Richter que Wagner incumbiu a direcção das famosas representações em Bayreuth, quando ellas se inauguraram em 1876, e este facto lhe deu grande fama. Desde então tem-se feito admirar como chefe d'orchestra nos celebres concertos de Vienna, Londres, etc.

Em 1900 demittiu-se de todos os logares que occupava em Vienna, para estabelecer residencia definitiva em Londres, onde é muito estimado e onde dirige os chamados «Concertos Richter».



VIANNA DA MOTTA

Poucas palavras, que o espaço falta e o tempo vâo. E ha tanto que dizer do muito que este pianista fez, d'aquillo que ora vae mostrando, e do mais que o futuro promette!...

Comparêmol-o. A comparação, que al-

guns escriptores rebaixam a uma funcção secundaria na observação e na critica musical, é para nós, e para muitos, o melhor guia para a fixação n'uma individualidade dentro do meio social em que viveu, e dentro da especialidade a que se dedicou, n'uma dada epoca. Por isso é que vamos, sem maiores explicações que o leitor intelligente dispensa, fazer um confronto rapido de Vianna da Motta com os maiores pianistas do nosso tempo, que tivémos a felicidade de ouvir na Belgica e na Allemanha desde 1899 até 1901.

Comecemos pelas damas. Bertha Marx Goldsmith é polyculta, musica perfeita e interprete a um tempo delicada e profunda: não tem a virtuosidade nem a grandeza de Vianna da Motta. Theresa Carreño, a sua digna rival de ambos, tem o vigor e a grandeza (Bach e Beethoven á parte) de Vianna da Motta, mas deixa-se arrastar muitas vezes pelo seu temperamento, sobrepondo a sua individualidade á do compositor que interpreta. Madame Montigny Rémaury parece decadente; pelo menos assim o julgamos depois d'um concerto infelicissimo — e era de virtuosos! — em que ella figurou em 1899 no Kaufhaus de Leipzig, ao lado de Arno Hilf e David Popper.

No sexo chamado forte, Emilio Sauer é mais feminino na interpretação do que Bertha Marx ou Theresa Carreño, e sujeita-se, como esta, a impulsos do temperamento, por mais que as exceda na virtuosidade, em que só tem como rivaes a Alfredo Reisenauer e a Moritz Rosenthal. Considero-o inferior a Vianna da Motta na plasticidade a toda a musica, na grandeza do estylo e na ponderação. Busoni seria igual *sempre* ao nosso grande mestre, se alliasse *sempre* mais paixão interna e mais expressão externa á sua admiravel technica e á sua extraordinaria polycultura musical. Outro tanto pensamos e dizemos de Eugenio Dalbert, digno segundo rival de Vianna da Motta e de Busoni. Este pianista Dalbert pareceu-nos prejudicado pela despreoccupação com que toca, reparando no publico, e até saudando amigos da platéa, como fez no Palacio de Crystal de Leipzig em 1900. Estes tres mestres são, quanto a nós, os maiores collossos, os actuaes Polyphemos do piano, tal como chamou o *Musical World* a Liszt em 1841.

Alfredo Reisenauer, que nos ultimos tres annos se tem desenvolvido de um modo extraordinario, aproxima-se muito dos tres precedentes e excede a qualquer d'elles na interpretação de Liszt; é porém inferior a todos no classico, pelo menos em 1900 e 1901, tal como o ouvimos em Leipzig e depois em Berlim. Moritz Rosenthal, com o

seu colossal mecanismo, e talvez por causa d'elle, é desigual, e quasi sempre feminino na interpretação: acham-n'o mesmo em Leipzig *pouco musical*. Paderewsky e Siloti, distinctos nos seus auctores queridos, deixam-se arrastar pelo seu temperamento, e sobrepõem-se ou humilham-se aos compositores que interpretam, por mais que magnetisem e seduzam o publico. Frederico Lamond, grande interprete de Beethoven, pareceu-nos um tanto frio.

Taes são as impressões de quem confirmou pelo ouvido o que sabia pela leitura, folgando sempre, e hoje mais do que nunca, de ver um distinctissimo patricio erguer a formosa cabeça ao lado, e muitas vezes por cima das dos pianistas mais eminentes da aurora do seculo xx. Vianna da Motta funde n'um só typo a emoção de Risler com a impecabilidade de Pugno e com a nitidez de Diémer. Se não possui ainda, como Liszt, um brutal poder magnetico sobre as multidões, tem, comtudo, a sua profunda e sincera plasticidade intellectual e emotiva, a que dão singular realce uma immensa memoria, tão fiel e tão honesta como a de Hans von Bulow, e uma sonoridade tão poderosa e uma grandeza tão sentida como a de Rubinstein.

E como é consolador pensar-se que isto, já de si immenso, ainda parece crescer de anno para anno, cada vez mais brilhante e mais grandioso, como um sol que de nós se avizinha!...

CARLOS DE MELIO.

CONCERTOS

Por lapso deixámos de dar noticia no ultimo numero de um ensaio musical pelos discipulos de Moreira de Sá, na casa do illustre professor, na noite de 10 de maio.

Executaram-se trechos de piano a 2 e 4 mãos, solos de violino e um duo de Dancla para dois violinos, tomando parte no programma, que constava de 23 numeros, vinte e dois discipulos de um e de outro sexo.

*

Conforme promettemos no ultimo nume-

ro, cumpre-nos inaugurar esta secção com a noticia do concerto Sarti, realisado a 14 de maio, isto é, quando as exigencias de redacção nos não permittiam dar noticia.

Com excepção unica do concurso sempre muito notavel do eximio violinista Benetó, que se fez ouvir nos dois trechos descriptos no programma, e ainda nas arias bohemias, de Paulo Sarasate, executadas em parte, todos os outros elementos do concerto foram trechos de canto a sólo, a duo e córos, alguns d'estes já ouvidos no Concerto da Sociedade de Canto, com o mesmo successo e geral agrado.

Cantaram a solo os srs. Pinto da Cunha, com o seu bello estylo e intuição, Moraes e Costa Carneiro (ambos pela primeira vez) revelando o segundo uma sonora voz de barytono, a que só falta ainda algo de malleabilidade, M.elle Bertha Daupias, uma gentil *diseuse*, dispondo de pequenissima voz, e Madame Clara Sarti, com as eminentes qualidades que temos tido tantas vezes ensejo de reconhecer e de applaudir, e que n'uma das suas romanzas: *Il neige*, de Bemberg, teve de trisal-a, em vista do applauso entusiasta com que foi saudada a magistral execução da eximia *diseuse*.

Houve ainda um duettino de Mendelssohn, por Mademoiselle Daupias e Madame Sarti. Os córos, em numero de sete, tiveram, na maior parte, as honras de bis, e agradaram francamente. Pela nossa parte, foi-nos gratissimo ouvir o naipe dos mezzo-soprano-contraltos, em que ha vozes poderosas e bem timbradas, e entre ellas a de uma joven amadora que ainda não tivemos o prazer de ouvir a sólo, D. Sarah Horta, que se salienta notoriamente pela magnifica qualidade e sonoridade da voz. Continuámos achando deficiente o grupo de sopranos, não devendo calar que, duas amadoras que d'elle fazem parte, suppreem, quanto podem, a exiguidade relativa do seu naipe.

Os applausos do auditorio sublinharam todas as peças, em especial aquellas que maiormente os mereciam; obtendo o illustre concertista Benetó os mais espontaneos e calorosos, apoz a respectiva execução, e que, depois do segundo trecho, de Hubay, por tal forma se seguiram ininterruptos, que elle accedeu a fazer-se ouvir n'outro, como acima deixamos dito.

*

Tambem, como annunciámos já, realisou-se na noute de 16 de maio, no salão do

theatro de D. Maria II, o setimo concerto da Escola de musica de camara.

O programma debutava pelo delicioso e formosissimo trio de Mozart, em *mi bemol*, para piano, violino e violeto, com os seus tres breves quanto seductores andamentos. Em seguida a sonata, op. 4. para piano e violino, execução primorosa de Lambertini e Benetó. Depois o difficil concerto de Haendel, para oboé, com acompanhamento de quintetto de cordas, e que é um dos trechos mais difficeis escriptos para oboé. Na execução d'elle foi d'uma maestria e correccção, que difficilmente se attingem, o eximio amator oboeista Arthur da Fonseca, que durante os quatro andamentos do concerto foi progressivamente manifestando a sua bella virtuosidade, estylo e embocadura, sendo n'esta d'uma rara felicidade durante a integral execução do trecho.

O quintetto de cordas estava a cargo dos srs. Benetó e Ferreira (violinos), Lamas (violeto), D. Luiz da Cunha (violoncello), Cunha e Silva (contrabaixo), o que basta para que se comprehenda quanto admiravel seria o desempenho do contorno, ainda assim muito consideravel, que lhes cabe formar ao instrumento solista.

Para terminar dignamente esta soberbissima sessão musical era preciso uma peça que fosse condigno terminus, mas não se poderia encontrar melhor e mais adequado do que o magnifico quartetto op. n.º 1, de Mendelssohn, com os seus quatro tempos, qual d'elles o mais notavel e suggestivo, o *allegro vivace*, com o seu canto mysterioso e sombrio, o *adagio*, tão caprichoso quanto exigente na interpretação, o *scherzo*, d'uma vivacidade e belleza extremas, e o ultimo *allegro moderato*, soberba peroração de tão monumental discurso. A execução dos illustres virtuosi Lambertini, Benetó, Lamas e D. Luiz da Cunha foi superior aos mais retumbantes elogios que aqui lhes endereçamos.

B.

*

O grande pianista portuguez José Vianna da Motta, antes de visitar Lisboa, dirigiu-se á capital do norte de Portugal, onde deu dois soberbos concertos nas noites de 17 e 20 de maio. O primeiro, effectuado na sala do Orpheon portuense, constou do mesmo programma que elle escolheu para o concerto de apresentação em Lisboa, e de que fallaremos com largueza na respectiva altura. O segundo, por insufficiencia da sala do Orpheon, teve logar no theatro Gil Vicente, e foi ainda muito mais concorrido, sendo

phreneticamente applaudido e victoriado o eximio concertista.

D'este concerto faziam parte a sonata op. 26 de Beethoven, Carnaval, op. 9, de Schumann, e Illustrações da *Norma*, de Liszt. Madame Irma Motta, esposa do grande pianista, abrilhantou este sarau cantando diversas composições de Schubert, Schumann, Wagner, Brahms e Vianna da Motta, compondo os n.ºs 2 e 4 do programma executado.

Os jornaes do Porto são unanimes em accusar o grande exito dos concertos, as extraordinarias faculdades de concertista de Vianna da Motta, bem como elogiam a voz de timbre caricioso e perfeito sentimento musical de Mad. Irma Motta, cuja elegancia e alterosa figura impressionam sobremodo, sendo brindada com um formoso *bouquet* pela direcção do Orpheon.

Vêmos que o Porto precedeu nos seus applausos a primeira cidade portugueza, mas esta não se deixou distanciar por aquella no acolhimento extremamente caloroso que soube dispensar ao prodigioso pianista.

*

Como tinhamos previsto, o acontecimento artistico mais sensacional da presente temporada de concertos foi a vinda de Vianna da Motta e o apparecimento d'essa grave e suggestiva figura de musico no estrado da sala de concertos do nosso Conservatorio.

O assombro, o enthusiasmo ardente com que o grande pianista portuguez foi recebido pelo publico que litteralmente enchia o salão, as noticias que logo correram do grande triumpho obtido, a larga adjectivação, quente e manifestamente sincera, com que os jornaes diarios ovacionaram o prodigioso concertista, dispensam-nos de nos determos em phrases encomiasticas, que seriam um puro pleonasma.

Bastará frisar quanto o nosso publico tem ganho n'estes ultimos annos para *saber ouvir* como ouviu essa sublime *Toccatà*, de Bach, cuja colossal interpretação marca um ponto luminoso e inconfundivel nos annaes da nossa musica pianistica.

A intensidade de sentimento, o inexceldivel encanto que dimanou do *Andante* d'essa obra genial, assim como da *Barcarola* e da *Berceuse*, de Chopin e de tantas phrases do *Concerto sem orchestra* de Alkan, seriam mais que sufficientes para destruir a antiga e cançada lenda do *virtuosismo mecanico* de Vianna da Motta. Não, quem nos pode tra-

duzir aquellas maravilhosas paginas com taes requintes de expressão e de côr, não tem por objectivo a exhibição d'uma oca gymnastica; tem alma e uma grande alma de sonhador, vibrando apaixonada e cariciosa em cada uma das phrases da sua linguagem divina.

Não, Vianna da Motta não tem nada do *artista-machina*, como alguém lhe chamou já; como todos os artistas, serve-se da sua maravilhosa e rara technica e do seu virtuosismo estonteante como um *meio de expressão* apenas e não como um intuito, que seria condemnavel, ou como um desejo, mais condemnavel ainda, de pousar para as multidoes.

Basta vêr uma vez o Vianna da Motta sentado ao piano para nos persuadirmos d'isto. Basta reparar na austeridade d'aquella figura, na singelleza com que vence difficuldades espantosas, na summa nobreza com que o seu discurso musical é todo elle detalhado, para nos convencermos que o objectivo do grande pianista nunca pode ser *fazer bonito*: é mais do que isso, é *fazer bom*.

E entre o *fazer bonito* e o *fazer bom* ha ás vezes um abysmo . . .

Assim nem o publico nem os illustres criticos da especialidade puderam furtar-se ao mais legitimo dos enthusiasmos, chegando até um dos nossos collegas diarios a proclamar o *o primeiro musico portuguez de todos os tempos*.

E a proposito da critica lisbonense, vem a pello dizer-se que onde ella se revela em completo desaccordo com a critica jornalistica dos principaes centros artisticos da Alemanha, é no que respeita ás transcrições de Franz Liszt que não só Vianna da Motta, como Busoni e tantos outros dos pianistas mais em evidencia mencionam frequentemente nos seus programmas, sem que ninguém se lembre de considerar um tal genero de peças como uma concessão feita á parte menos culta do publico ou como cousa indigna de artistas de tão elevada estatura.

Ninguém, como nós, detesta as adaptações e os *arreglos*; temos mesmo sustentado aqui uma campanha constante contra certas transcrições que não servem senão para amesquinhar uma obra elevada, cuja forma original ha de ser sempre a unica admissivel em boa Arte. Mas aqui o caso é diverso: o grande mestre de Vianna da Motta, o abade Liszt, pianista portentoso e unico a par de compositor genial, tomou uns determinados motivos melodicos que estavam em voga no seu tempo e serviu-se d'elles como base das suas magnificas illustrações pianisticas,

onde abundam, onde preponderam mesmo os efeitos absolutamente especiaes que na alta musica do piano se podem exigir.

O admiravel trabalho, por assim dizer symphonico d'este genero d'obras é que constitue o interesse d'ellas; a *reminiscencia* da opera é quasi um detalhe que não deve por forma alguma *effaroucher* a boa da critica.

Não queremos com isto dizer que reputemos as transcripções do Liszt como as melhores obras que figuravam nos programmas do grande pianista portuguez, mas entre isso e consideral-os de *mau gosto* vae uma pequena differença que nos não levarão a mal de combater.

—A essas informações que nos foram suggeridas pelo concerto de 22 do corrente mez, pouco temos a accrescentar com respeito á segunda audição, realisada poucos dias depois, a 27, a não ser que se elevou a temperatura do entusiasmo publico por uma forma tão rara entre nós, que chegou um numeroso grupo de senhoras a acompanhar o grande pianista até á carruagem, fazendo-lhe no atrio do Conservatorio uma tão brilhante como expontanea manifestação d'applauso e sympathia. O facto é tão pouco vulgar entre nós que merece registrar-se.

Effectivamente, Vianna da Motta, n'este segundo concerto, levantou-se a taes culminancias na interpretação das variadas obras que constituíam o seu admiravel programma, que nada nos surprehenderam os transportes de entusiasmo de que foi alvo.

Em cada um dos numeros, se poude admirar cada uma das feições dominantes d'este excepcional e formosissimo talento: na *Fantasia op. 17*, de Schumann, a paixão, a nobreza, a intensa commoção, na op. 57 de Beethoven, *Sonata apassionata*, a elevação, a grandeza, a alta comprehensão esthetica d'uma das mais bellas obras que illustram a litteratura do piano, nas melodias de Schubert-Liszt, *Tu es le repos* e *Le ruisseau*, a calma e dignidade na primeira, a leveza, o encanto pastoril na segunda, na 6.^a *Valsa* das *Soirées de Vienne*, dos mesmos Schubert-Liszt, a gracilidade aristocratica, o rythmo impeccavelmente observado no meio das mais encantadoras e bem sentidas *nuanças*, no *Caprice genre Scarlatti*, op. 14 de Paderewski, a pureza da agilidade, a correcção e o classicismo da interpretação, nas legendas *S. Francisco de Assis prégando aos passaros* e *S. Francisco de Paula caminhando sobre as ondas*, o intenso poder descriptivo acompanhando as mais subtis intenções d'esses dois bellos quadros musicaes e as maravilhas da assombrosa techni-

ca que todos são unanimes em admirar no nosso insigne pianista e que novamente se mostraram scintillantemente na *Norma*, do mesmo auctor, com que fechou o programma.

Fóra d'elle tocou ainda Vianna da Motta uma *Valsa* de sua composição como tocara no primeiro concerto a sua *Cantiga d'amor*, em agradecimento á ruidosa ovação, que tão merecidamente lhe fez o nosso publico.

*

Conforme demos noticia no numero pasado, o Real Instituto de Lisboa, no seu proposito muito louvavel de ajuntar a sua quota parte de esforço ao desenvolvimento da musica em Lisboa, realisou no dia 25 o seu segundo concerto, ás 2 horas da tarde, no salão do Conservatorio.

O programma soffreu algumas alterações, por falta de comparencia do sr. Arthur Trindade, que figurava n'elle como solista de canto em dois numeros. Esses foram respectivamente preenchidos pelo primeiro andamento da 6.^a fantasia para flauta, de José Arroyo, superiormente executado pelo illustre concertista José Henrique dos Santos, e pelo primeiro sólo de Charles Colin, para oboé, na execução do qual se confirmaram a primorosa execução e as qualidades tão pouco vulgares, que já em varias occasiões tivemos ensejo de reconhecer e festejar, do sr. Wenceslau Amaral Pinto, vocação pronunciadissima de oboéista.

A orchestra do Instituto, composta de amadores e profissionaes, executou *Chanson du Printemps*, de Mendelssohn, muito elegantemente; os bailados da opera *Feramos*, de Rubinstein; o acompanhamento do magestoso *Largo*, de Haendel, sendo o *cantabile*, transcripto para violino, executado pela sr.^a D. Aida de Freitas, em quem notámos bonito som e afinação, mas demasiada frieza; e sob a regencia do proprio auctor, sr. Antonio Eduardo da Costa Ferreira, dois numeros. 1.^o e 3.^o d'uma *suite* para orchestra, cremos que a primeira producção do novel compositor.

O primeiro numero ou preludio é de factura muito trabalhada e que revella os conhecimentos innegaveis do auctor. As diversas phrases melodicadas, algumas d'ellas muito bem achadas, estão disseminadas pelos diversos timbres da orchestração e accusam talvez a preocupação do auctor de affirmar a sua sciencia de harmonista. O outro numero, ultimo da *suite*, é uma phrase de canção popular; francamente me-

lódico e característico no estylo popular, obteve, como era de prever, o maior e suggestivo effeito no auditorio, que pediu o bis do trecho, sublinhando ruidosamente com applausos qualquer das execuções.

Nós preferimos comtudo o primeiro, de muito, mas não regateamos os louvores devidos ao novo compositor que recentemente conquistou o seu posto de professor de harmonia, á custa do seu indiscutível merito, demonstrado em provas publicas.

O sr. David de Souza tocou o capricho de Goltermann para violoncello, e o sr. Salgado a romança de trompa de Craner. ambos demonstrando recursos nos respectivos instrumentos.

Fechou o concerto pelos côros orpheonicos, que cantaram a «despedida», de Mendelssohn, «Grito de guerra» de Schumann, cujo final foi bisado, e fóra do programma a «Canção do Mondego», cuja musica, original do professor do Orpheon, sr. Guilherme Ribeiro, agradou extraordinariamente, com perfeita justiça, porquanto está muito bem harmonisada e distribuida pelos diversos naipes do côro, sendo tambem bisada.

Este Orpheon tem condições para se desenvolver e progredir, se bem possamos notar-lhe demasiada predominancia dos baixos sobre os restantes naipes, que, embora numerosos, são relativamente fracos, em especial os tenores.

Acompanhou ao piano alguns numeros o joven pianista Hernani Torres. Regeram alternadamente os srs. Cardona e Costa Ferreira.

*

Na noite de 28 teve lugar a primeira sessão de exercicios de alumnos da Real Academia dos Amadores de Musica. Tomaram parte, exhibindo o seu relativo adiantamento, doze discipulos de ambos os sexos, sendo oito de piano, quatro de violino e uma de violoncello. Alem d'esses exercicios singulares apresentou-se um trecho de Godard, «Minuit», para quatro violinos, tocado pela generalidade dos alumnos de todos os cursos.

Devemos menção especial ás alumnas de violino D. Eugenia Crespo e D. Luiza Campos, que revelaram aptidões verdadeiramente notaveis, especialmente a segunda, que é um formoso talento de violinista e nos maravilhou pela precisão no ataque, pericia nos «sautillés» e excellente afinação, no decurso da difficil e trabalhosa fantasia militar de Leonard. Iguualmente nos impressionou pelas suas qualidades a sr.^a D. Eleutheria

Casais de La Rosa, alumna de violoncello, se bem que o instrumento em que tocou fosse demasiado surdo, e mal obedecesse ao esforço da tocadora.

Estes exercicios continuam-se na noite de 31 de maio, de que já não poderemos fazer resenha no presente numero da «Arte Musical.»

*

As exigencias de impressão do nosso quinzenario forçam-nos, a que accusemos apenas duas sessões musicaes, a primeira a 29, em *matinée*, das officinas de S. José, com o concurso muito importante do famoso violinista D. Francisco Benetó e do notavel violoncellista Moraes Palmeiro; a ultima na noute de 31, continuação dos exercicios d'alumnos da Real Academia, de que nos occupámos ha pouco em relação á sessão de 28.

Amanhã 1 de junho, ás 2 horas da tarde, tem lugar no salão do Conservatorio o 8.º concerto da Escola de musica de camara, com um programma excepcionalmente notavel, para a realisação do qual prestam o seu valiosissimo e totalmente desinteressado concurso os eximios concertistas Vianna da Motta e Moreira de Sá. Não resistimos ao desejo de o estamparmos aqui, reservando para o proximo numero occupar-nos de tão sensacional sessão de musica, com a largueza que lhe é devida. Eil-o:

1.º Quintetto op 16—Beethoven;
(Piano, clarinete, oboé, fagotte e trompa.)

Srs. Lambertini, Severo da Silva, Fonseca, João Manuel e Tavares.

2.º Sonata de piano e violino — Cesar Frank.

Srs. Vianna da Motta e Moreira de Sá.

3.º Sonata op. 111—Ultima que Beethoven escreveu para o piano—Sr. Vianna da Motta.

4.º Quintetto—Mendelssohn.

(Dois violinos, duas violas e violoncello.)

Srs. Benetó e Mackee, Lamas e Miguel Ferreira, e D. Luiz da Cunha e Menezes

E' portanto um programma insuperavel, que difficilmente pode ser attingido.

B.

GALERIA DOS NOSSOS

Maurício Bensaude



Pagamos hoje o nosso tributo a um artista portuguez, d'incontestaveis meritos, e que, n'uma carreira gloriosamente percorrida, tanto tem honrado a Arte, de que é notavel ornamento, como a sua patria — Portugal — ante os publicos estrangeiros.

Mauricio Bensaude estreou-se ha annos, primeiro como artista de declamação no palco de D. Maria II, e em seguida como barytono na troupe d'operetta da Trindade, — então composta de artistas de relativo merito vocal — revelou desde os seus primeiros passos qualidades muito apreciaveis, quer como interprete dramatico, quer sob o ponto muito importante de saber caracterisar-se, condição indispensavel e predominante as mais das vezes.

Depois de curta estação theatral na Trindade seguiu para Italia, a aperfeçoar-se no canto com o illustre maestro Pozzo, que durante dois annos lhe confidenciou os segredos da sua magnifica escola d'ensino. Apresentando-se a primeira vez ao publico de Voghera, que o festejou auspiciosamente, desde logo iniciou a sua bella e larga carreira, onde, não só d'agora, mas de alguns annos já, disfructa uma posição muito importante e consideravel entre os cantores do seu naipe vocal.

Já no anno passado teve proposta do empresario Pacini para vir a S. Carlos, tendo então que declinal-a, por motivo de contracto anterior, firmado para Vienna. Segundo vemos nos jornaes de Milão parece que teremos na proxima epoca ensejo de poder apreciar o illustre barytono, que tem um repertorio de trinta e seis operas, e entre essas contam-se quasi todas as de Ricardo Wagner.

Com certeza que o publico de Lisboa ha de ratificar, larga e plenamente, o conceito tão elevado que Mauricio Bensaude tem obtido nos principaes theatros d'opera do estrangeiro.

COLLINE

NOTICIARIO

Do paiz

O eminente violinista Bernardo Moreira de Sá, *double* como se sabe de erudito musicographo accedeu ao pedido do inspector do Conservatorio para realizar n'este estabelecimento uma conferencia sobre assumptos artisticos.

Esta conferencia terá logar na volta do Brazil, para onde parte, brevemente, acompanhado pelo glorioso pianista Vianna da Motta.

O nosso corpo de redacção acha-se augmentado com mais um nome por todos so titulos apreciavel, o do sr. Victoriano Braga, illustre critico musical, cuja preciosa collaboração muito nos honra.

Aqui lhe deixamos consignado o nosso sincero reconhecimento.

Do estrangeiro

M.^{me} Amel, da Comedia Franceza, em Paris, fundou um curso gratuito de canções francezas, destinado ás jovens operarias parisienses. Todos os sabbados, n'uma vasta sala da «mairie do 4.^o arrondissement», se reúnem perto de quatrocentas raparigas para assistirem á lição dada pela dedicada artista.

Cantou-se no theatro de S. Carlos, de Napoles, uma opera nova — «Lorenza» — de Eduardo Mascheroni, obtendo um grande exito

A parte musical nas festas da coroação de Eduardo VII será desempenhada: 1.^o por um terno de 12 clarins, incumbido de annunciar as entradas e sahidas do monarcha; 2.^o por uma orchestra de 75 executantes dirigidos por sir F. Bridg; 3.^o por um côro de 350 cantores sob a direcção de sir Walter Parrat; 4.^o pelo grande orgão da capella imperial, tocado pelo seu organista titular, M. Alcock.

O conselho municipal de Kiel votou a somma de 1.800:000 francos para a construcção de um theatro nacional.

Uma nova opera nacional se cantou recentemente em Varsovia, com um grande exito patriotico; intitula-se «Livia Quintilla» e foi seu auctor Segismund Noskowski, compositor muito popular na Polonia.

Outro compositor polaco muito estimado, Ladislau Zelenski, obteve tambem entusiasticos applausos em Varsovia, promovendo na Sociedade Philarmonica um concerto, que elle mesmo dirigiu, cujo programma se compunha exclusivamente de obras suas.

A posse da estatua de Beethoven feita por Max Klinger está sendo disputada pelas duas cidades de Vienna e Leipzig, que abriam subscrições para adquiril-a. O estatuario estima-a em 500:000 francos, affirmando que só os materiaes preciosos que empregou lhe custaram 187:000 francos.

Cantou-se recentemente em Lucca com grande exito uma opera posthuma de Angeloni intitulada «Dramma in montagna». Angeloni foi mestre de Puccini e de outros actuaes compositores.

Acha-se publicada, pelo editor Ricordi, a ultima opera de Franchetti,—«Germania»—que pela primeira vez se cantou no Scala de Milão, em 11 de março proximo passado.

Em Londres, o director do theatro Saint-James tomou uma medida radical contra os espectadores retardatarios: annunciou que o spectaculo começaria exactamente á hora annunciada e que ao levantar o panno se fechariam as portas para só serem reabertas quando terminasse o primeiro acto.

O conselho communal de Nuremberg concedeu a Orchestra Philarmonica da cidade um subsidio annual de 12:000 marcos para realizar dez concertos no inverno e trinta no verão, destinados ao povo, devendo a

entrada custar apenas 35 centimos sem distincção de logares.

O principe de Reuss, Henrique XXIV, é não só amador illustrado mas compositor muito distincto. Ultimamente, n'uma sessão de musica de camara realisada na *Sing-Akademie* de Berlin, executou-se um seu sextetto para instrumentos de cordas que produziu entusiastico effeito. Foi executado pelo celebre quartetto de Joachim, desempenhando este venerando mestre a parte do primeiro violino.

O nosso bom amigo Raul da Silva Pereira, que assistiu a essa sessão, diz-nos ter ficado absolutamente surprehendido com o effeito produzido pelo quartetto Joachim.

Nunca tinha imaginado tão maravilhosa perfeição.

Inaugurou-se recentemente em Copenhagen um theatro de opera nacional. Já ali se representaram duas operas dinamarquezas — *Gringoire*, de Brull e *Prinzessin auf der Erbser*, de Enna.

A *Carmen* attingiu ha pouco tempo em Paris a 900.^o representação.



BIBLIOGRAPHIA

O nosso collega Carlos Stuart Torrie, que cultiva com muito aproveitamento, nas horas d'ocio, a carreira de compositor de singellos trechos de piano, acaba de publicar, n'uma edição elegante, com artistico frontispicio, duas pequenas valsas, «Bal Blanc» e «Bal rose», que formam a 5.^a e 6.^o das composições do auctor no genero.

Mais simples, porventura, do que qualquer das precedentes valsas do sr. Torrie, estas são todavia francamente melodicadas, devendo fazer em breve o giro dos salões na proxima estação de praias e thermas. Auguramos lhe o mais bello successo e felicitamos o auctor pela sua persistencia em consagrar-se a este genero de composições, para o qual tem innegaveis aptidões e recursos.

E aproveitamos o ensejo para lhe agradecer a sua amavel offerta.